

PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO SOBRE A RELAÇÃO IGREJA E ESTADO E SUA INFLUÊNCIA DURANTE SEU MAGISTÉRIO

JOHN CALVIN'S THOUGHTS ON THE RELATIONSHIP OF THE CHURCH
AND THE STATE AND ITS INFLUENCE DURING HIS TEACHING

EL PENSAMIENTO DE JOÃO CALVINO SOBRE LA RELACIÓN DE LA
IGLESIA Y EL ESTADO Y SU INFLUENCIA DURANTE SU ENSEÑANZA

RESUMO

Esse estudo de pesquisa bibliográfica propõe descrever sucintamente o contexto e época, conhecida como reforma protestante, em que João Calvino compilou e redigiu seus pensamentos nos escritos chamados de Institutas. Focando na vida do reformador nos seus períodos como pastor na cidade de Genebra e influências recebidas durante a sua formação acadêmica e pastoral anteriores ao seu pastoreio na cidade genebrina. O artigo tem como objetivo analisar objetivamente as concepções sobre os papéis da Igreja, do Estado e a relação entre ambos no pensamento teológico de João Calvino, através do capítulo XX: da administração política, das Institutas e de obras bibliográficas de pesquisadores.

Palavras-chave: João Calvino. Igreja e Estado. Reforma protestante. Funções do Estado.

INTRODUÇÃO

A reforma protestante foi um marco na história. Homens envolvidos no contexto da sua época e insatisfeitos com ações eclesiais decidiram romper com a Igreja Católica Apostólica Romana e criar sua própria doutrina. Um desses homens foi João Calvino.

João Calvino foi um dos reformadores protestantes, sendo conhecido por ser aquele que veio a sistematizar as doutrinas em um todo concreto. González (1983, p. 107) faz uma comparação entre Lutero e Calvino afirmando que, “enquanto Lutero foi o espírito feroso e propulsor do novo movimento, Calvino foi o pensador cuidadoso que forjou, das diversas doutrinas protestantes, um todo coerente”. Cairns (1988, p. 251) descreve:

¹ Graduado em Teologia (FABAPAR). Líder de jovens na Igreja Batista Campina da Barra. Brasil. E-mail para contato: guilhermemewes@gmail.com

Os milhões que aceitam a fé reformada e sua fundamentação doutrinária testemunham a importância do sistema teológico formulado por João Calvino (1509-1564), designado geralmente pelo termo 'Calvinismo'. O termo 'fé reformada' aplica-se ao sistema de teologia desenvolvido a partir do sistema de Calvino. [...] Calvino pode ser apontado como líder de segunda geração de Reformadores.

Collins e Price (2000, p. 137) escrevem sobre ele também, dizendo que “a mente de Calvino lhe valeu o título de o maior dos teólogos e organizadores da Reforma. Sua influência permanece até hoje por meio de suas inovações no governo da igreja e na teologia ‘reformada’”.

Nota-se que este reformador foi importante para consolidar a fé que defendia, esta que foi influente na sua época e continua. Durante a sua vida escreveu os seus pensamentos e entendimentos bíblicos, aplicando-os na cidade de Genebra (McGrath, 2004). Entretanto, a sua fama alcançou outros lugares, como regiões que hoje são parte da França, Suíça e Holanda, além de posteriormente alcançar o ocidente (Calvino, 2008). O pensamento de João Calvino influenciou a muitos, não só no âmbito espiritual-eclesiástico, mas também em outros setores da sociedade.

Um desses setores é a relação entre a Igreja e Estado, e a relação existente entre ambos. O Reformador descreve quais os papéis da igreja e do estado, além de argumentar sobre o comportamento do crente diante das autoridades civis. A questão da concepção de Estado laico e como os seguidores de Cristo devem relacionar com o governo civil é um tema que influencia a igreja no seu contexto. Essa reflexão surgiu já no princípio do cristianismo e passa pela construção teológica de Calvino, buscar esse entendimento auxilia a igreja analisar o seu comportamento frente a desafios envolvendo a Igreja, o Estado e a sociedade.

1 REFORMA PROTESTANTE

O início do que é conhecido como reforma protestante foi em 31 de outubro de 1517 quando Lutero prega as suas 95 teses na porta da igreja da cidade de Wittenberg e posteriormente quando não nega as suas afirmações na dieta de Worms e rompe definitivamente com a Igreja Católica Apostólica Romana (Oliveira, 2005; Dreher, 2017). Mas para que ocorra o estopim, primeiro é preciso encher o recipiente de pólvora. E essa começa no início do século XIV na transição da alta Idade Média para a idade moderna, entretanto pesquisadores defendem que já nos séculos iniciais da Igreja Católica criou-se a necessidade de uma mudança (Almeida, 1983).

A sociedade vinha em uma transformação social, política e econômica, González (1998) e Lautorette (2006) relatam que a classe burguesa estava em ascensão, o humanismo estava tomando o seu espaço como pensamento e ocorreu o aumento do comércio com as cruzadas e consequentemente o aumento da população das cidades, por exemplo, Genebra no ano de 1560 tinha aproximadamente 21400 habitantes, pelo menos 8000 pessoas a mais do que em 1550 (McGrath, 2004).

Um dos motivos entre o conflito entre católicos e reformadores (até mesmo com alguns dos pré-reformadores como John Wycliffe) se dá pelos gastos exacerbados da alta Igreja Romana com embelezamentos de igrejas na Itália enquanto o povo, e até mesmo os membros mais simples da estrutura eclesiástica, passavam fome e enfrentavam pestes. As famílias de posses dominaram o papado, mantinham o papado por várias gerações. Como no caso dos Médici que mantiveram 4 papados. Além da teologia não estar em contato com a vida diária do povo (González, 1998; Lindberg, 2001). havia uma grande devoção a relíquias e a santos. Daniel-rops (1996, p.259) descreve “O culto dos santos tendia ocupar um lugar tão grande na piedade cristã que beirava por vezes a idolatria, quando não ao escândalo”. Junto a isso estava também a venda acalorada de indulgências, alguns desses valores iam para a construção e decoração de certas igrejas (Daniel-Rops, 1996).

Esses motivos tornaram necessária uma reforma, algumas delas ocorreram dentro da Igreja Romana, mesmo antes de Lutero romper com ela. Esse nem sempre foi contra a Igreja Católica, anteriormente foi um monge medicante e tentou trazer reformas (Fluck, 2011; Dreher, 2017). Mesmo assim ocorreu a ruptura e outras igrejas foram surgindo, algumas mais ligadas com os governos e governantes da época e outras contra todo o sistema do seu contexto. Lindberg (2001, p. 242) descreve o pensamento dos anabatistas “Eles tampouco conseguiam encontrar na Bíblia qualquer justificativa para a união de Igreja e Estado. Quando liam o sermão da Montanha, esses dissidentes acreditavam que sua intenção literal era levar os crentes a se afastarem do mundo”. Nem mesmos os mais conhecidos reformadores tinham o mesmo pensamento sobre o assunto.

Calvino, por ser humanista, concedeu ao Estado muito mais funções do que Lutero. Lutero lhe dava apenas uma função: suprimir o mal e preservar a sociedade do caos. Calvino desenvolveu as idéias humanistas de bom governo, de ajuda ao povo etc. Mas Calvino jamais chegou ao extremo de afirmar, como certos movimentos sectários, que o Estado poderia ser o próprio reino de Deus. (Tillich, 2000, p. 269, grifo nosso)

Ele cita 3 movimentos com visões diferentes do assunto, mas elas não se limitam a apenas 3, são muito mais. Isso ocorre porque não havia uma unificação, mas sim várias reformas, ou seja, vertentes diferentes (McGrath, 2012). Uma delas é o pensamento de João Calvino, que depois de sua morte irá se fortalecer e ganhar o nome de Calvinismo (McGrath, 2004). Todo o seu entendimento teológico está escrito nas institutas, nessa obra que levou anos para ser escrita, ele aborda sobre aspectos diversos e no capítulo XX trata da relação Igreja e estado.

2 JOÃO CALVINO E A SUA OBRA

João Calvino nasce na cidade de Noyon, 140 quilômetros de Paris, França, no ano de 1509, mesma data em que Lutero começa a pregar em Wittenberg e Henrique VIII assume o trono inglês (Oliveira, 2005). Embora nascido em uma família menos abastada, seu pai tinha ligações com o clero local e conseguiu uma boa educação para o filho, ele vai para a Universidade de Paris com 14 anos e depois na universidade de Bourges. Tem primeiro contado com ideias de reformadores (Matos, 2009; Oliveira, 2005). Demonstra grande capacidade de aprendizagem, estuda as línguas originais e obras clássicas, aos 23 anos escreve seu primeiro livro. Além disso, ele tem o contato com o humanismo e isso vai influenciar toda a sua carreira (González, 1983; Oliveira, 2005)

A conversão de Calvino é incerta, não se sabe quando e como ocorreu, ele não gasta palavras para registrar o evento. González descreve o possível modo como aconteceu:

Porém o mais provável parece ser que, no meio do círculo de humanistas que frequentava e através dos seus estudos das Escrituras e da antiguidade cristã, Calvino chegou à convicção de que teria de abandonar a comunhão romana e seguir o caminho dos protestantes. (González, 1983, p. 110)

Depois de entender a necessidade de sair da Igreja Católica, ele vai até a sua cidade natal e renunciou os direitos conseguidos pelo seu pai. Segue para a cidade protestante de Basiléia. Na cidade se dedica aos estudos e a escrita e em 23 de agosto de 1535 termina as Institutas, a primeira versão de muitas que escreveu. Um livro diferente em sua época, geralmente se escrevia sobre polemicas e discussões, mas o reformador de Genebra escreve um tratado completo, tampando as brechas não vasculhadas. A obra logo no início tem um êxito imediato e em apenas nove meses não havia mais exemplares à venda. (González, 1983; McGrath, 2004)

Calvino vai à cidade francesa de Ferrara e fica no local até que sua segurança é comprometida, regressa até Basileia, mas volta para França, devido a necessidade de acertar questões familiares. Posteriormente, decide ir para Estrasburgo, então, em 15 de julho de 1536 parte na sua jornada, todavia, o caminho mais rápido a cidade estava fechada por conflitos. O caminho alternativo ia pelo Sul passando pela cidade de Genebra (McGrath, 2004).

2.1 A CIDADE DE GENEBRA

Genebra está em um pequeno cantão suíço na parte sul do lago Léman. Por ser uma cidade menor, era sempre submissa a outra cidade. Antes de Calvino e antes da reforma chegar, o ducado de Sabóia controlava-a. A cidade tinha um governo feito por bispos, mas em certo momento, eles tornaram-se marionetes do ducado, esta foi uma das causas que instigou a procura da independência de Genebra (McGrath, 2004). Além do bispado, havia dois conselhos, o pequeno conselho e o conselho dos 200, o primeiro, após a liberdade de Genebra, assume o poder e diversas vezes impede Calvino de agir, ou seja, O reformador estava abaixo do conselho (McGrath, 2004).

A partir de 1482 começou um movimento que procurava a independência de sabóia e aproximar da Confederação suíça, alguns pretendiam colocar a reforma na cidade, por exemplo cidadãos foram a cidade protestante de Friburgo e são nomeados cidadãos de lá. Eles procuraram ir a essa cidade por ser uma que tinha aceito o protestantismo por influência de Ulrico Zuínglio na cidade de Zurique (Ferreira, 2013; McGrath, 2004). Entrelaçando esses dois pontos, juntaram-se a Lausanne, Friburgo e Berna, todas cidades protestantes. Embora Berna tenha dominado Lausanne, por motivos externos não conseguiram dominar Genebra e por isso ela tornou-se de fato independente (Foi conquistada pelos franceses na última década do século XVIII).

Guilherme Farel, vindo de Berna, assume a responsabilidade de instruir a cidade na nova fé. Já Calvino pretendia passar apenas uma noite, mas Farel insiste e convence-o a ficar.

[...] até que finalmente Guilherme Farel me reteve em Genebra, não tanto por conselho ou argumento, mas através de uma terrível maldição, como se Deus tivesse, do céu, colocado sobre mim (Calvino) suas mãos, para me deter. Eu tinha a intenção de ir para Estrasburgo; a melhor estrada para lá, porém, estava fechado pelos conflitos na região. Eu decidi passar por Genebra rapidamente, não permanecendo mais que uma noite na cidade. (Calvino, [s. d.], p. 29, citado por McGrath, 2004, p.116)

Em 1564, embora Calvino não parecesse a pessoa certa para o trabalho, já que era mais voltado aos estudos, ele aceitou o desafio porque viu a necessidade teológica e eclesiástica da cidade. O pastor sem experiência e ingênuo iniciou assim a sua relação com a cidade de Genebra, essa que perduraria por muitos anos e com muitos conflitos entre o reformador e o conselho e entre o reformador e a cidade (González, 1983; McGrath, 2004).

2.2 CALVINO EM GENEBRA, 1536-1538

João Calvino permaneceu na cidade e assumiu a função de guiar o trabalho eclesiástico, mas apenas este. Ela nunca foi governador ou mesmo do conselho, os membros do pequeno conselho só podiam ser cidadãos de Genebra e Calvino nunca o foi, nem mesmo podia votar nas eleições. Seu poder era abaixo do conselho (que comandava a cidade) e tudo que pretendia fazer precisava do aval do *Petit Conseil*². (McGrath, 2004).

A primeira tarefa do mais novo organizador eclesiástico foi debater com católicos defendendo a fé reformada. A cidade de Berna foi a responsável pelos debates, pois queria total influência sobre a região, mas como a língua de Genebra era diferente de Berna, Calvino foi o orador pela visão

² “Pequeno conselho”, em francês.

protestante. As cidades e os cidadãos estavam favoráveis a Reforma, por isso já no início do ano de 1537 foi enviado um projeto de estruturação da ordem eclesiástica (McGrath, 2004).

Não obstante, havia uma resistência a Guilherme Farel e a João Calvino vinda do conselho, este não queria dar muito poder aos pastores por alguns fatores, como o relacionamento com Berna. Essa rixa culminou quando os reformadores decidiram não acatar o modelo de Berna, então, em 21 de abril de 1538, ambos foram expulsos da cidade dos genebrinos (McGrath, 2004).

2.3 A VOLTA A GENEBRA

Calvino fica em Estrasburgo, onde suas habilitantes de pastorear toda uma cidade amadurece com as experiências na nova cidade. Lá ganha a sua cidadania, prestígio e reconhecimento, mas em 1541, decidiu voltar a cidade que havia o expulsado. Em Genebra a situação política estava diferente e ele poderia voltar. Ele volta, todavia, só se verá livre da resistência em 1555, quando poderá trabalhar e aplicar suas ideias mais facilmente por ter o pequeno conselho ao seu lado (McGrath, 2004).

Calvino administrou a parte religiosa de Genebra, arrumou as estruturas, criou o consistório, importante organização dos pastores como McGrath (2004, p. 133, grifo do autor) demonstra “Se as institutas da religião cristã representam os músculos da Reforma de Calvino, sua organização eclesiástica representava a espinha dorsal”. A influência de Calvino e do Consistório não fica apenas em Genebra, mas se espalha por regiões do que hoje é a França e Suíça. Fundou também a academia de Genebra e projetou outras mudanças a cidade. Dowley (1977, p. 381, tradução nossa) descreve bem o que Calvino pretendia “Calvino estava tentando construir uma ‘cidade de Deus’ mais visível na Europa”.

João Calvino não só transformou Genebra, mas todo o seu contexto, isso se deu por seus escritos, as Institutas, terem ganhado fama e se espalhado

por toda a Europa, alguns lugares, escritas em latim, e outras, em francês, estas áreas foram mais “atingidas” por ser da mesma língua que Calvino falava (McGrath, 2004).

3 IGREJA E ESTADO

A igreja está envolvida com o Estado desde que existe, mesmo o povo de Israel tinha seus aspectos políticos (Cavalcanti, 2002). Ela vem se relacionando, algumas vezes sendo subjugada e perseguida e outras vezes sendo quem subjuga. Como Angelis (2017, p.70) descreve a Igreja nos primeiros séculos sobre o império romano: “Sendo considerado uma ameaça à segurança do Estado romano, o cristianismo não poderia apresentar-se como uma ‘religião’ particular, mas deveria ser mais uma das muitas que se agregavam ao poder do Estado como supremo bem”. E depois escreve quando a Igreja passa a ser a Religião do Estado, a ter algum prestígio e poder:

[...] mostrou-se através dos séculos mais maléfica que benéfica à Igreja e à sociedade: o fechamento da escola da filosofia de Atenas (529 d.C), a perseguição ao paganismo e a interferência do Estado sobre assuntos da esfera religiosa, desenharam tempos de crise ética, religiosa e política nas sociedades europeias. (Angelis, 2017, p. 71)

Na história aconteceram momentos diversos, cada um com a sua peculiaridade, gerando diversos pensamentos e até afastamentos do assunto como se fosse desnecessário. Não obstante, esta relação afeta o indivíduo, a Igreja e a sociedade como um todo, após a primeira guerra mundial começam a surgir os regimes totalitários e cristãos se comportaram de formas diferentes frente a isso (Ferreira, 2016). Saber a relação entra as duas instituições fará refletir sobre qual posicionamento e atitude tomar mediante certas acontecimentos.

Os reformadores do século 16 pensaram sobre este assunto, indo contra o sistema proposto pela Igreja Católica de uma “junção” e escrevendo sobre uma separação, precursores da ideia de Estado Laico, cada qual com os seus deveres. (Angelis, 2017; Freston, 2006). Calvino está entre os pensadores que desassocia as Instituições e entende que cada uma tem as suas obrigações, esse pensamento está escrito na sua coleção de livros mais famosa, as *Institutas*.

As Institutas são um dos tratos teológicos mais conhecidos, quando Calvino começou a escrevê-las em 1536 não estava em sua cabeça alcançar tanto prestígio, como ele mesmo disse ao rei Francisco I da França:

Quando, de início, tomei da pena para redigir, esta obra, de nada menos cogitava, Ó mui preclaro rei, escrever algo que, depois, houvesse de ser apresentado perante tua majestade. O intento era apenas ensinar certos rudimentos, mercê dos quais fossem instruídos em relação à verdadeira piedade quantos são tocados de algum zelo religioso (Calvino, 2006, p.17, grifo do autor).

O reformador estava procurando ir em favor dos seus contemporâneos para defendê-los e instruí-los acerca da Bíblia, além de como viver de acordo com os ensinamentos de Cristo (Wiles, 1984), um desses ensinamentos é a ideia da função do Estado. Com o sucesso de Calvino, seus escritos podem ser conhecidos e logo, seus pensamentos também (Azevedo, 2009).

4 IGREJA E ESTADO PARA CALVINO

Calvino descreve seu pensamento sobre a administração política no capítulo XX das Institutas, discorrendo sobre as funções dele e a relação com a Igreja e os seguidores de Cristo. O primeiro ponto do pensamento de Calvino é a existência do Estado, não só um governo espiritual, como é necessário a existência de um tipo de governo terreno. Possuir esse governo humano é de alta importância (Abel, 2012). Embora tenha bebido

na fonte de Lutero, Zuínglio e em Bucer, sua concepção da função estatal ia mais longe, dando mais funções do que os outros porque o Reino de Deus não está nesse mundo completamente e o objetivo da Igreja é educativo, ou seja, não cabe a Igreja empenhar esforços na administração pública (Tillich, 2000).

A divisão explícita entre eles, a Igreja tem as suas obrigações e o Estado tem outras obrigações, mas mesmo sendo distintas, elas se complementam. O próprio Calvino fala sobre esta questão nas Institutas. “[...] entender que o reino espiritual de Cristo e a ordem civil são coisas muitíssimo distintas entre si, visto ser uma loucura judaica buscar e incluir o reino de Cristo sob os elementos deste mundo” (Calvino, 2006b, p. 452) e continua “Apesar disso, esta distinção não serve para que tenhamos a ordem social como uma coisa imunda e que não é pertinente aos cristãos (Calvino, 2006b, p. 2019).

O Reformador de Genebra confrontava a linha mais radical da reforma que defendiam que Cristo era o rei e todos estavam abaixo do seu julgo, mas para ele o reino em sua plenitude de Cristo é vindouro. Também contrasta com os radicais que dizem ser os governos da terra coisas corruptas e longe da vontade de Deus, ou de ser algo provindo de Deus. (Carvalho, 2005). As distinções continuam, Calvino entende que o Estado pode fazer guerra e tem legitimidade³ nisso e aplicar impostos. Calvino e os radicais, como os anabatistas, divergem profundamente nesse tema e isso acontece por causa do fundamento do pensamento, em quando um defende que o único governo é de Jesus Cristo, outro defende que todos os governantes procedem de Deus (Lindberg, 2001).

Quando analisada as liberdades, se podemos chamar de liberdade, que Calvino deu ao Estado na sua teologia, pode se pensar que ele foi bem mais longe do que outros reformadores, mas sobre a concepção até onde vai o poder dos governantes, os principais teólogos da reforma têm a

3 A guerra pode ser ilegítima se não seguir certos critérios, para saber a opinião de Calvino de quando é legal ou não, leia As Institutas, volume 4, capítulo 20, questão 11.

mesma ideia. Ou seja, Calvino segue a mesma linha só colocando mais funções aos deveres estatais (Tillich, 2000).

Embora pareça que ele algumas vezes coloca o Estado acima, não destoa dos outros e afirma que a Igreja tem a sua importância acima, como disse Dowley (1977, p. 381, tradução nossa): “Para Calvino, a igreja era suprema. Não deveria ser restrita em qualquer maneira pelo Estado. Ele deu mais importância do que Lutero da organização externa da igreja”. Os governadores tinham sua liberdade de agir, mas por serem instituídos por Deus deveriam fazer jus a sua função, cuidando do povo, zelando pela liberdade, impedindo desordem, e principalmente permitindo e cuidando da liberdade da Igreja, o Estado não podia interferir na igreja e sim zelar por ela (Calvin, [s.d.]).

Pelo outro lado os cidadãos tinham o dever de aceitar o governo, mesmo que as vezes fosse duro para o povo, João Calvino diz que se um governante ruim assume o poder é porque Deus quer castigar o povo para ensiná-los, além de dizer que o reino que não haverá choro será no reino invisível e vindouro. O reformador argumenta que o cristão está neste mundo e tem que estar em contado e ajudando, mas seu coração está longe, voltado para o reino de Deus (Calvino, 2006b; Carvalho, 2017).

O pensador descreve as funções do Estado, uma peça importante para equilíbrio e tranquilidade da sociedade que deve ser obedecida e que é colocada por Deus. Os cristãos precisam obedecer a seus representantes, não obstante, existe o direito de resistir o Estado. A função principal do Estado é manter a liberdade da Igreja e zelar que não haja impedimento da proclamação da palavra. Não cuidar da vida eclesiástica, mas sim permitir que ela seja propagada pela Igreja. Caso o governo esteja agindo contra a palavra de Deus ou impedindo a Igreja de suas funções, os cidadãos têm o direito de se repelar. Ou seja, quando a governo terreno vai contra o governo invisível e espiritual, é dever dos crentes seguir os desígnios de Deus e rejeitar as ordens do governo terreno (Mendes, 2019).

João Calvino vê muita importância no Estado e entende que ele é necessário a sociedade e é instituído por Deus, porém, as diretrizes cristãs são superiores e entre seguir uma ou outra, escolher as deixadas por Deus.

A influência de Calvino Não fica somente na esfera teologia, alcança diversas áreas e lugares. O calvinismo (pensamentos de Calvino e seus seguidores) ajudou a levantar mudanças políticas, revoltas, entre outros, pela Europa. Todavia, não foi apenas ele que influenciou estes movimentos, mas um dos motivos, ou seja, é difícil dizer que o calvinismo sozinho chegou a gerar tamanha mudança. Sabe-se que o pensamento teológico na França se modificou com as ideias de Calvino, mesmo quando ele estava vivo, as suas ideias não ficaram apenas em Genebra (Mcgrath, 2004; Silvestre, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reforma protestante foi um marco na história, abrindo um caminho alternativo ao cristianismo da época, umas desses caminhos contrários foi a ideia da função do Estado e da Igreja, quais são os papéis de cada um. Calvino foi um dos expoentes desse movimento reformado, bebendo na fonte dos pré-reformadores, no humanismo e no luteranismo. Ele passa muito tempo escrevendo as Institutas que é um dos livros mais importantes na teologia protestante, lá está descrito vários assuntos pertinentes aos cristãos, um deles é Igreja e Estado.

Ele defende a existência do estado e que é preciso obedecer a ele. O governo terreno não é o reino invisível de Cristo, tendo a sua função e o reino espiritual outra.

Entretanto o governo está abaixo da lei de Deus. O pensamento de Calvino se espalhou e junto com outros contextos, influenciou reinos, cidades e movimentos, mas é difícil dizer onde exatamente e principalmente apenas o pensamento sozinho de Igreja e Estado. Mas é certo que gerou

influência e continua gerando séculos depois.

REFERÊNCIAS

- ABEL, O. Igreja e Estado. **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 32, n. 63, p. 195–206, 2012.
- ALMEIDA, A. de. **A reforma protestante**. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.
- ANGELIS, L. de S. Estado Laico. In: **Reforma Protestante: Novos enfoques**. Curitiba: AD Santos, 2017.
- AZEVEDO, M. **A liberdade cristã em Calvino: Uma resposta ao mundo contemporâneo**. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- CALVIN, J. **Calvin's Institutes**. Mac Dill AFB: Mac Donald, [s.d.].
- CALVINO, J. **As Institutas: Volume 1**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006a.
- CALVINO, J. **As Institutas: Volume 4**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006b.
- CALVINO, J. **João Calvino: Textos escolhidos**. São Paulo: Pendão Real, 2008.
- CARVALHO, G. V. R. DE. A cosmovisão Calvinista e a Resistência ao Estado. **Fides Reformata**. São Paulo, 10, n. 2, p. 21–44, 2005.
- CARVALHO, R. W. A natureza do reino de Deus nas teologias de Lutero e Calvino. In: **Reforma Protestante: Novos enfoques**. Curitiba: AD Santos, 2017.
- CAVALCANTI, R. **Cristianismo e política: Teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

COLLINS, M.; PRICE, M. A. **História do Cristianismo: 2000 anos de fé.** São Paulo: Loyola, 2000.

DANIEL-ROPS. **A igreja da Renascença e da Reforma – Volume I: A reforma protestante.** São Paulo: Quadrante, 1996.

DOWLEY, T. (Ed.). **The history of Christianity.** Paulton: Lion, 1977.

DREHER, M. N. **De luter a Lutero: Uma biografia.** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

FERREIRA, F. **A Igreja cristã na história: Das origens aos dias atuais.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

FERREIRA, F. **Contra a idolatria do Estado: O papel do cristão na política.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

FLUCK, M. R. **História e Teologia da Reforma.** Curitiba: Escritores Associados, 2011.

FRESTON, P. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangelhos e a participação política.** Viçosa: Ultimato, 2006.

GONZÁLEZ, J. L. **A era dos reformadores: Volume 6.** São Paulo: Vida Nova, 1983.

GONZÁLEZ, J. L. **Visão panorâmica da história da igreja.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

LAUTOURETTE, K. S. **Uma história do Cristianismo: Volume II: 1500 a.D. a 1975 a.D.** São Paulo: Hagnos, 2006.

LINDBERG, C. **As reformas na Europa.** São Leopoldo: Sinodal, 2001.

MATOS, A. S. de. 500 anos de João Calvino; Pensamento sobre a sua vida e contribuições. **Caminhando: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.** São Paulo, v. 14, n. 2, p. 171–179, 2009.

MCGRATH, A. **A vida de João Calvino.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MCGRATH, A. **A revolução protestante**. Brasília: Palavra, 2012.

MENDES, E. DA C. **A teologia política de João Calvino (1509-1564) na *Institutas da Religião Cristã***. 2009. 129 f. Tese (Doutorado em história) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

OLIVEIRA, Z. M. **História do cristianismo em esboço**. 2. ed. Recife: STBNB, 2005.

SILVESTRE, A. A. Calvino e o Direito de Resistir ao Estado. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 7, n. 2, 2002.

TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. 2. ed. São Paulo: Aste, 2000.

WILES, J. P. **Ensino sobre o cristianismo: Uma edição abreviada de *As Institutas da religião crista***. São Paulo: Pés, 1984.